

## EXÔDO RURAL EM BITURUNA, IDENTIDADE E TERRITÓRIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

EDUCANDO: JAIRO NUNES DOS ANJOS<sup>1</sup>;

ORIENTADOR: PROF. MARCOS CLAUDIO SIGNORELLI<sup>2</sup>.

### RESUMO

Este artigo traz como tema alguns elementos motivadores do êxodo rural, buscando restaurar os fatores históricos fomentadores da aceleração de expulsão de homens e mulheres camponeses de seu ambiente rural e agrário para zonas urbanas. Essa preocupação surgiu com as experiências vivenciadas nestes dois últimos anos como professor no Colégio Estadual do Assentamento 27 de Outubro (Bituruna/PR), mediante a falta de interesse dos jovens em continuar o trabalho agrícola. A pesquisa bibliográfica fundamentou as respostas da pesquisa de campo, que constou de três questões sobre o tema a uma amostra de trinta participantes, sendo 50% jovens estudantes e 50% pais de alunos. Os resultados evidenciam como causadores do êxodo rural a informalidade do trabalho agrícola, a falta de perspectivas de melhoras e de apoio do governo, comprovando-se a necessidade de implementação de políticas de melhorias do sistema agrícola gerando melhores condições de vida para as famílias do campo, garantindo sua permanência na atividade.

**Palavras-chave:** alterações; vida; sociedade contemporânea, êxodo rural.

---

<sup>1</sup>Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Bituruna PR, e-mail: <[jairocentersom@hotmail.com](mailto:jairocentersom@hotmail.com)>

<sup>2</sup>Educador Orientador, UFPR Litoral.

## 1 CONTEXTO

Constatada a falta de interesse de alunos, jovens filhos de agricultores de assentamentos rurais, em permanecer no campo exercendo atividades agrícolas, buscou-se identificar as questões responsáveis por essa atitude, uma vez que a saída de pessoas do campo para centros urbanos ocorre em todo território brasileiro.

Para que o leitor possa situar-se no contexto da experiência, convém descrever parte do cenário no qual o referido assentamento está inserido. Portanto, Bituruna, nome formado por dois vocábulos *M betera+um*, conforme a Revista Bituruna, 40 anos (1995, p. 4), na língua Tupi significa madeira preta. É grande a probabilidade de que nessa região houvesse em grande quantidade a *M betera una*, denominação que mais tarde os colonizadores (brancos) sintetizaram para Bituruna.

O Município possui uma área de 1.258 km<sup>2</sup>, localizado ao Sul do Paraná, altitude média de 900 metros acima do nível do mar; o relevo apresenta a costa máxima de 1275 m no divisor de águas do rio Iratim; pertence ao 3º Planalto Paranaense ou Planalto de Guarapuava, e está à aproximadamente 27º de latitude sul e 51.30º de longitude oeste. Possui, aproximadamente, 1.200 hectares de área urbana, está a 317 Km a sudoeste da capital do Estado – Curitiba; limita-se ao Norte com Pinhão e Cruz Machado; ao Sul com General Carneiro e Palmas; a Leste com Porto Vitória e União da Vitória e a Oeste com Palmas e Coronel Domingos Soares (Histórico de Bituruna, Dados Gerais, 1995)

A data 23/12/1924 é considerada como da Fundação do Município. Conforme resultados oficiais do censo demográfico realizado pelo IBGE (2010), Bituruna conta atualmente, com 15.883 habitantes. E segundo informações do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES – 2010), do total de habitantes, 9.902 vivem em área urbana e 5.981, em área rural.

Sua economia está fortemente calcada no setor de base florestal, conforme dados demonstrados a seguir:

**Tabela 01 – Distribuição da Economia Biturunense**

<b>Atividade</b>	<b>Nº de Empresas</b>	<b>%</b>
Indústria	101	16,5%
Comércio	203	33,1%
Serviços	298	48,6%
Agropecuária/Agroindústrias	11	1,8%
<b>Total</b>	<b>613</b>	-

**Fonte:** Divisão Tributária, 2005.

As tabelas 2 e 3 apresentam o número de estabelecimentos agropecuários, área segundo as atividades desenvolvidas e condição dos produtores:

**Tabela 02 – Estabelecimentos Agropecuários e Área Segundo as Atividades Econômicas – 2006**

<b>Atividades Econômicas</b>	<b>Estabelecimentos</b>	<b>Área (há)</b>
Agricultura	5	1.484
Horticultura e floricultura	68	853
Lavoura permanente	171	10.326
Lavoura temporária	653	22.471
Pecuária e criação de outros animais	352	21.468
Produção florestal de florestas nativas	218	8.124
Produção florestal de florestas plantadas	268	28.083
Produção de sementes, mudas e outras formas de propagação vegetal 1 X	1	x
<b>TOTAL</b>	<b>1.736</b>	<b>92.841</b>

**FONTE:** IBGE - Censo Agropecuário – março de 2011

(1) A soma das parcelas não corresponde ao total porque os dados das Unidades Territoriais com menos de três informantes estão desidentificados com o caráter "x".

**Tabela 03 – Estabelecimentos Agropecuários e Área Segundo a Condição do Produtor - 2006**

<b>Condição do Produtor Estabelecimentos</b>	<b>Estabelecimentos</b>	<b>Área (há)</b>
Arrendatário	24	335
Assentado sem titulação definitiva	203	6.636
Ocupante	75	1.186
Parceiro	5	47
Proprietário	1.419	84.38
Produtor sem área	10	-
<b>TOTAL</b>	<b>1.736</b>	<b>92.841</b>

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário – Março de 2011

De acordo com a Associação de Agricultura Orgânica do Paraná (AOPA – 2004), Projeto Iguatu, devido ao tipo de clima, solo muito ácido e relevo bastante acidentado, Bituruna apresenta pouca aptidão para as culturas agrícolas, sobressaindo as culturas de milho e feijão. Esse contexto torna o setor florestal extremamente importante, destacando-se o cultivo da bracatinga para lenha e erva-mate, bem como madeiras de reflorestamento.

Algumas considerações devem ser tecidas em relação ao Município, entre as quais, sua localização numa das regiões mais carentes do prisma sócio-econômico do Estado do Paraná, o que traz aos assentados uma necessidade premente em maior capacitação para driblar essa adversidade.

A região na qual o Município está localizado é remanescente da Floresta de Araucária, importante ecossistema brasileiro, integrante do Bioma Mata Atlântica, vítima de grandes pressões econômicas e ambientais; a vocação da região para plantios florestais e as condições dos assentamentos tornam emergente a questão da capacitação para reverter o quadro ambiental e promover a sustentabilidade.

A tabela a seguir demonstra a distribuição dos Assentamentos em Bituruna – PR, com cerca de 18% da área territorial formada por assentamentos rurais de tamanhos e características diferentes.

<b>Assentamento</b>	<b>Área (hectares)</b>	<b>Nº de famílias</b>	<b>Assistência técnica</b>	<b>Área por Lote*</b>	<b>Ano de criação do PA**</b>
ETIENE	1.052,61	24	Cotrara	26,00	1990
RANDOM III	4.240,39	80	Cotrara	35,00	1988
SANTA BÁRBARA	1.669,34	47	Cotrara	28,00	1998
CRICIUMINHA	829,28	25	Cotrara	26,00	1998
SONHO DE ROSE	851,71	31	Cotrara	22,00	2001
12 DE ABRIL	5.822,00	209	Cotrara	22,00	1998
<b>27 DE OUTUBRO</b>	<b>7.260</b>	<b>166</b>	<b>Emater</b>	<b>30,00</b>	<b>1998</b>

Fonte: INCRA – Escritório de Francisco Beltrão/PR.

\*Área média, em hectares, sem os 20% destinados às Reservas Legais

\*\* Projeto de Assentamento

O Projeto de Assentamento (PA) associado ao Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) definem como vai ser o assentamento, suas características físicas, benéficas, entre outras, sendo oficializado somente após sua aprovação. Para tanto, são realizadas análise de relevo, medições topométricas, análise de qualidade de solo, disponibilidade de água, estado de área de Reserva Legal (RL) e Área de Preservação Permanente (APP), vocação agrícola, entre outros aspectos.

Dessa forma, é importante considerar que no Assentamento 27 de Outubro, assim como nos outros assentamentos do Município, técnicos disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Bituruna, Secretaria da Agricultura e EMATER<sup>3</sup>, em conjunto, mantêm programas de manejo da madeira de bracatinga e reflorestamento de pinus, além de fornecer suporte para outras culturas, tais como, milho, feijão, parreirais e

<sup>3</sup> EMATER é a sigla para: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

árvores frutíferas como, por exemplo, pêssego. Especialmente, neste Assentamento, a criação de animais de corte (bovinos, equinos, suínos) é maior.

Entretanto, apesar disso, os rendimentos financeiros frente à atual conjuntura, não satisfazem às necessidades das famílias, cujos filhos migram para a zona urbana em busca de oportunidades de emprego e melhores rendas, configurando o êxodo rural.

No Brasil, o êxodo rural se destacou na década de 1950, especialmente, durante a década de 1960, fato impulsionado pelo desenvolvimento industrial ocorrido nas cidades da Região Sudeste, que atraiu pessoas em busca de empregos e melhores condições de vida.

Essa modalidade de migração é consequência das dificuldades de manutenção da agricultura de subsistência e a concentração fundiária, visto que o modelo econômico privilegia os grandes latifundiários através de empréstimos para mecanização das atividades rurais, fato que também agrava o êxodo rural, pois a mão de obra é substituída pelo intenso processo de mecanização das atividades agrícolas. (CERQUEIRA, 2009, p. 01).

De acordo com Cerqueira (2009), êxodo rural consiste na emigração da população moradora do campo, zona rural, para as cidades, especialmente os grandes centros, zona urbana. Essa ação migratória ocorre em diversas partes do planeta e, como consequência, gera a urbanização dos países.

Em desvantagens frente ao mercado pela impossibilidade de mecanizar sua produção, os pequenos produtores obtêm como resultado o baixo rendimento produtivo. Desmotivados, vendem suas propriedades para pagar as dívidas e migram para grandes centros em busca de melhores condições de vida como, por exemplo, empregos com boa remuneração, habitação, escolas melhores, atendimento à saúde mais avançado entre outros.

Em consequência, Cerqueira (2009) argumenta que o êxodo rural gera inúmeros problemas de ordem socioeconômica, tais como, inchaço das cidades,

moradias em locais inadequados, superpovoamento de bairros pobres, elevação dos níveis de desemprego, violência, e outros.

O Brasil, nas últimas décadas, sofreu mudanças consideráveis provocadas por essa modalidade migratória, êxodo rural. Passou de um país rural e agrário para um país urbano e industrial, transformação na qual o êxodo rural atuou como gerador da urbanização.

Conforme Silva e Pereira (2007), o êxodo rural, com início a partir da década de 1950, foi motivado pelas mudanças econômicas nacionais e mundiais. Aquelas, conforme Leite Júnior (2009), devido à industrialização motivada pela combinação de políticas que promoveram a substituição de importações; e estas, em fase de expansão pelo aumento do comércio e dos investimentos diretos ultrapassando o ritmo de crescimento do produto global.

Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados coletados entre 1990 e 1995 revelam um declínio na população rural em cerca de 30%.

No conjunto das grandes regiões do Brasil, a região Sudeste se destaca pelo maior percentual de sua população, 88,3% concentram-se em área urbana, enquanto que, 11,7% vivem em área rural. Para Silva e Pereira (2007), nessa sequência, as regiões que apresentam declínio da população rural, são Centro-Oeste e Sul. Regiões maiores como, Norte e Nordeste, por sua vez, atualmente, são as que apresentam maior índice de população vivendo no meio rural.

Portela e Versentini (2000, p. 03), declaram que: “[...] enquanto somente cerca de 25% dos brasileiros vivem no campo, os 75% restantes aglomeram-se nas cidades, especialmente na metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo”. Entre os principais problemas decorrentes dessas aglomerações, destaca-se o aumento dos índices de desemprego e subemprego; crescimento das favelas e marginalidade.

Dessa forma, a implementação de políticas públicas com foco nesse cenário apresenta-se como possível solução para a maioria dos problemas citados. Nesse contexto, a oferta de subsídios aos pequenos produtores rurais, investimentos

maiores em atividades diversificadas do campo, reestruturação de serviços como educação e saúde, apresentam-se como recursos que contribuem para evitar a migração do campo para as cidades.

Objetivou-se, portanto, com este estudo, conhecer os motivos pelos quais essa situação tem se mostrado uma constante, também no Município de Bituruna, identificando-os a partir de pesquisa direcionada aos próprios alunos e pais de uma comunidade escolar local. Este trabalho visou também a identificação de perspectivas que poderiam motivar a permanência da população mais jovem na zona rural executando práticas agrícolas. Diante do exposto nesta contextualização, o relato da experiência torna-se mais consistente facilitando a compreensão do leitor.

## **2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

A experiência descrita neste artigo teve início em 2010, no Município de Bituruna, quando fui trabalhar como professor de Matemática, no Ensino Médio, do Assentamento 27 de Outubro, no Colégio Estadual Santa Izabel, que fica a 20 Km do centro da cidade de Bituruna.

Como professor no Colégio Estadual Santa Izabel, durante o ano de 2010, acompanhei a realidade, vivências e experiências das famílias do assentamento em questão por intermédio dos jovens alunos do Ensino Médio dessa instituição.

A situação real vivida por essas famílias retratava um cenário de semi-abandono e carências, pois, mesmo com orientação de técnicos, os resultados de estratégias de cultivo da terra dependem de condições impostas pela natureza, podendo exigir longo prazo e, diante disso, os filhos vão crescendo e abandonando a propriedade. Partem para as cidades buscando melhores condições de vida, emprego com garantias trabalhistas alimentando a idéia de conquistar maior poder aquisitivo com esforços e sacrifícios menos penosos do que os empregados no



campo, sujeitos às intempéries do tempo e oscilações de valores dos produtos, trazendo resultados nada motivadores.

A pesquisa de campo constou em entrevista dirigida a 30 (trinta) participantes conforme características apresentadas a seguir:

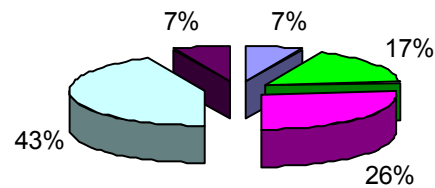
<b>CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA</b>			
<b>Participantes</b>	<b>Quantidade</b>		<b>Faixa etária</b>
	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	
Jovens estudantes	07	08	Entre 12 e 14 anos
Mãe/Pai	08	07	Entre 23 e 46 anos
<b>Subtotal</b>	15	15	-
<b>Total</b>	30 participantes		

Fonte: O autor, 2010.

Assim, no dia 22 de setembro de 2010, com início às 14 horas, numa das salas do Colégio Estadual Santa Izabel, ocorreu, inicialmente uma conversa informal com os participantes expondo os motivos e objetivos da reunião e da entrevista. O assunto foi, primeiramente, tratado num sentido geral e, posteriormente, individual, simultâneo à entrevista propriamente dita. Com a aplicação de três questões abertas foram obtidos os seguintes resultados conforme explanação nos gráficos a seguir:

1. Motivos que contribuem para que o habitante campesino migre para centros urbanos:

### DA ZONA RURAL PARA A URBANA. UMA MUDANÇA REVERSÍVEL?

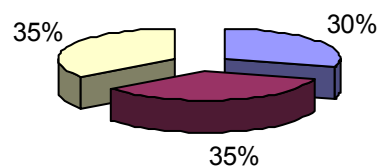


- Falta de apoio governamental
- Sem perspectiva de melhoras de vida no campo
- O trabalho manual de cultivo da terra é bastante árduo
- Empregabilidade com carteira assinada é mais vantajoso
- Dificuldades em continuar os estudos

Fonte: NUNES DOS ANJOS, 2010.

2. Reivindicações dos trabalhadores rurais para continuar o trabalho de cultivo à terra com dignidade:

### REIVINDICAÇÕES PARA CONTINUAR O CULTIVO À TERRA

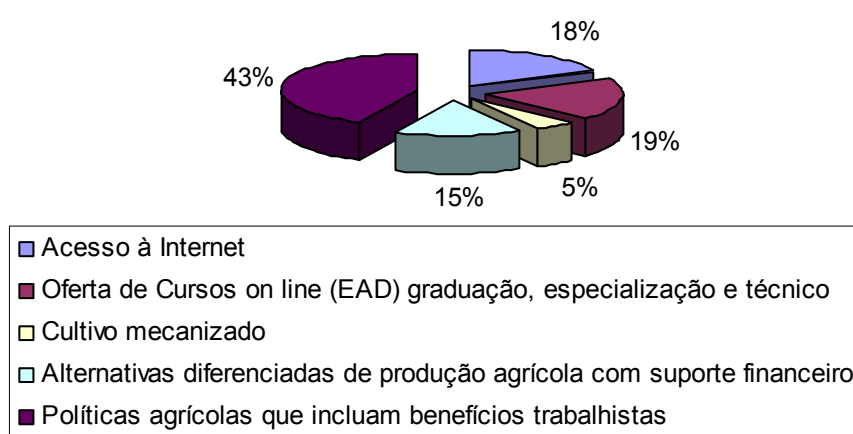


- Apoio mais efetivo
- Mudanças nas políticas agrárias
- Não basta dar acesso à terra são necessários subsídios para seu cultivo

Fonte: NUNES DOS ANJOS, 2010.

### 3. Atrativos que podem ser utilizados para que os jovens busquem seus ideais na prática agrícola

ATRATIVOS PARA QUE O JOVEM PERMANEÇA NO TRABALHO AGRÍCOLA



Fonte: NUNES DOS ANJOS, 2010.

Convém ressaltar que esses resultados correspondem ao registro fiel das informações produzidas a partir do instrumento denominado pela metodologia, segundo Minayo (2007, p. 64), como técnica de entrevista: “[...] tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo”.

Nesse processo, representei o papel de entrevistador objetivando construir informações para um objeto de pesquisa, causas do êxodo rural e possíveis soluções para a continuidade das famílias na zona rural em atividades agrícolas.

### 3 CONSIDERAÇÕES

Constatou-se a partir da realização deste estudo que, o desenvolvimento industrial e o crescimento do capitalismo, constituem-se em fatores que levam

agricultores de pequenas propriedades, com agricultura de subsistência, a venderem suas terras ocasionando o êxodo rural.

Outra observação relevante implica na permanência dos filhos no trabalho agrícola. Estes, sem acesso aos instrumentos mecanizados e diante da limitada quantidade de terras e recursos para a aplicação na agricultura acabam migrando para centros urbanos.

Essa atitude também pode ser explicada pela busca dos jovens da sociedade contemporânea, globalizada e tecnológica, a diferentes formas de lazer, abertura do mercado de trabalho, maior participação política, entre outros.

Convém ressaltar que na maioria das famílias de pequenos agricultores, há forte incentivos para o estudo e, com isso, a migração para a cidade em busca de uma vida melhor.

Um dos resultados obtidos com esta pesquisa evidencia que, enquanto os pais apontam a falta de apoio governamental e de perspectiva de melhorias somadas ao árduo trabalho manual da terra, os jovens se reportam às garantias da empregabilidade formal (carteira assinada) que a cidade oferece e sentem as dificuldades em continuar com os estudos ao permanecerem no campo.

De modo geral, um dos fatores de maior representatividade nesse contexto, conforme resultado desta pesquisa e segundo a opinião dos participantes, reforça a idéia da possibilidade de oferta de emprego formal (carteira assinada), na zona urbana, com garantias trabalhistas (43%); na sequência, a dificuldade de cultivo manual da terra é vista como um trabalho árduo (26%) aliada à falta de perspectivas de melhorias de vida na zona rural (17%). Ainda na mesma questão, a dificuldade de acesso ao ensino superior, especialização e cursos técnicos (7%), bem como a falta de apoio governamental ao pequeno produtor (7%), contribuem para desmotivar os pequenos agricultores a continuarem nesse trabalho, levando-os a incentivar os filhos a prosseguirem os estudos buscando melhores oportunidades de emprego.

No entanto, as possibilidades para a continuidade do processo de cultivo à terra, conforme resultados apurados da entrevista, indicam que a implementação de

políticas agrícolas (35%) com acesso aos subsídios necessários e adequados ao cultivo da terra (35%) e apoio mais efetivo (30%), são ações consideradas (pelos participantes) capazes de promover a estabilidade das famílias no campo.

Para que o jovem possa permanecer na zona rural juntamente com suas respectivas famílias, dando continuidade às atividades agrícolas, os participantes (43%) apontaram a inclusão de benefícios trabalhistas nas políticas agrícolas servindo de incentivo à permanência nesse tipo de atividade.

Outras sugestões apontadas diz respeito ao acesso à Internet e oferta de cursos de especialização e nível técnico na modalidade EaD. Além da oferta de alternativas diferenciadas de produção agrícola com o devido suporte financeiro.

Nesse contexto, apesar de fatores significativos como, ambiente de agitação das cidades, elevados índices de criminalidade e violência, tendo em contrapartida a tranquilidade e o bem estar do campo, os jovens, ainda assim, demonstram preferência à vida na zona urbana por seus atrativos, opções de lazer diferenciadas, modernas e atraentes, oportunidade de emprego formal (com carteira assinada e garantias trabalhistas), aumento do poder aquisitivo para consumo, entre outras.

Concluindo, homens e mulheres, especialmente jovens, vivem momentos de escolhas, analisando os atrativos que a vida oferece na zona rural e na urbana acabam optando majoritariamente por esta uma vez que os insere num novo contexto de identidade existencial, numa nova sociedade tecnificada, globalizada, exigente, competitiva e altamente seletiva.

Observa-se que, se não forem tomadas medidas mais dinâmicas em relação à atual conjuntura do sistema capitalista, no sentido da promoção de políticas públicas mais abrangentes direcionadas para os pequenos agricultores, estes, continuarão a incentivar seus filhos a buscar na cidade aquilo que o campo não lhes oferece. Isso implica num retorno financeiro capaz de garantir uma vida digna a todos os integrantes da família, com o conforto, novidades e praticidades da cidade em relação à saúde, cultura, política, economia, lazer, educação e outras.

## Referências

BITURUNA. **Apostila de Dados Gerais/históricos**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. 1995.

BITURUNA. **Bituruna 40 Anos**. Prefeitura Municipal de Bituruna. 1995.

BRASIL. **Associação de Agricultura Orgânica do Paraná / AOPA. Projeto Iguatu**. Curitiba, fevereiro de 2004. Acervo Documental da Prefeitura de Bituruna.

BRASIL. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil**. 2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas>> Acesso em 15 de dez. 2006.

BRASIL. **Dados da Divisão Tributária**. 2005. Disponível em: <[http://www.paracidade.org.br/municipios/a\\_economicos.php?id\\_municipio=35](http://www.paracidade.org.br/municipios/a_economicos.php?id_municipio=35)> Acesso em 01 de dez. 2006.

BRASIL. **Divisão Tributária**. 2005. Disponível em: <<http://bituruna.pr.gov.br>>. Acesso em 01 de dez. 2006

BRASIL. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. IPARDES. 2010. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=41](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41)>. Acesso em 17 de março de 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=41](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=41)>. Acesso em 15 de março de 2011.

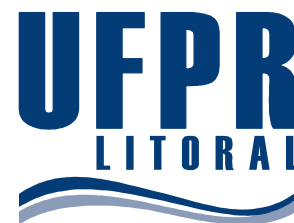
CERQUEIRA, W.; CERQUEIRA, F. **Migração interna no Brasil**. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/brasil/migracao-interna-no-brasil.htm>>. Acesso em: 05 de março de 2011.

CERQUEIRA, de. W. **Êxodo Rural**. Disponível em: <<http://www.alunosonline.com.br/geografia/exodorural/>>. Acesso em 17 de março de 2011.

MINAYO, M. C. de. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral



PORTELA, F.; VERSENTINI, J. W. **Êxodo Rural e Urbanização**. Ed. 16. São Paulo: Editora Ática, 2000.

SILVA, G.; PEREIRA, A. **Êxodo Rural no Brasil**.

Disponível em: <http://diegofonseca.blogspot.com/2007/02/xodo-rural-no-brasil.html>.

Acesso em: 15 de março de 2011.